

---

# O cinema como fonte documental de pesquisas educacionais: análise do filme Anjos do Arrabalde (Carlos Reichenbach)

---

**Marie Rose Dabul**

Mestranda em Educação, PPGE – UNINOVE,  
Graduada em Pedagogia – UNINOVE,  
Especialista em Administração Escolar – USJT,  
Docente Graduação – UNINOVE,  
São Paulo [Brasil]  
[rose.299@uninove.br](mailto:rose.299@uninove.br)

Busca-se, por meio deste artigo, tratar da importância do cinema como fonte documental de pesquisas em educação, tendo como eixo diretivo e vetor de análise o filme Anjos do Arrabalde, de Carlos Reichenbach. Defende-se que utilizar a iconografia em sala de aula pode constituir-se em mais um elemento que possibilitaria o desvelar de questões que compõem a relação dialética entre história, cinema e realidade social. A articulação da realidade com a necessidade de inclusão de aspectos pertencentes à dimensão cultural e democrática dos envolvidos no ato educativo é defendida neste artigo. Aborda, também, o cuidado ao tratar o filme como fonte documental, no sentido de romper com a concepção mecanicista das análises simplistas.

**Palavras-chave:** Dimensão cultural. Educação. Inclusão social.

## 1 Introdução

Busca-se, por meio deste artigo, discutir o filme “Anjos do Arrabalde”, de Carlos Reichenbach<sup>1</sup> e sua relação com os problemas educacionais, enfatizando a importância do cinema como fonte documental nas pesquisas em educação.

Na contemporaneidade, não é possível ignorar o impacto causado pela criação e difusão do cinema e outros meios de comunicação de massa na maneira como as pessoas percebem e estruturam o mundo. Assim, a questão central que se põe ao professor que quer trabalhar com imagens cinematográficas é saber o que elas refletem e o que se pretende abstrair delas, além de verificar se elas são uma expressão da realidade ou uma representação, o grau possível de manipulação e a forma como são transportadas para o cotidiano, articulando o abstrato com o real vivido.

Dessa forma, a pesquisa iconográfica contribui na produção de representações de sujeitos escolares e da própria escola, possibilitando a intervenção e a resignificação do papel do docente na produção e socialização de conhecimentos advindos da realidade.

## 2 O cinema, a história, o filme “Anjos do Arrabalde”, de Carlos Reichenbach

As relações entre a história e o cinema datam do século passado, apesar do seu estudo mais aprofundado ocorrer somente nos últimos 30 anos. As discussões sobre história e cinema estão sendo postas, atualmente, no patamar da legitimidade e confiabilidade que, por sua vez, está relacionada à ciência que difere do conhe-

cimento popular e não científico. Ressalta-se que a preocupação atual sobre essa legitimidade é defendida, porque o cinema ainda está longe de alcançar uma situação de conforto no que se refere à formulação de um arcabouço teórico desse campo. Nesse sentido, alguns conceitos fundamentais acerca dessa relação não podem ser desconhecidos pelo historiador ou pelo cientista social que aspira pensar a história e o cinema em uma perspectiva histórico-dialética. Assim, o historiador ou o cientista social deve entender que esses conceitos dizem respeito ao enquadramento do filme enquanto documento historiográfico e discurso sobre a história. Nesse aspecto, o cuidado é de fundamental importância, uma vez que todo filme é um documento, desde que corresponda a um vestígio de um acontecimento que teve existência no passado, seja ele imediato ou remoto.

Não obstante, para que uma película – filme – se torne um documento válido para a investigação historiográfica, tem que conter dois pontos: a concepção de História do pesquisador e o valor intrínseco do documento. O pressuposto acima defendido fundamenta-se no fato do cinema ser um testemunho da sociedade que o produziu e, portanto, uma fonte documental para a ciência histórica.

Reichenbach, em seu filme “Anjos do Arrabalde”, contempla as discussões de modelo de sociedade, ao abordar sua concepção de um determinado período da história paulista e sua representação sobre o período e o contexto histórico em que o filme se desenrola. Por ser considerado um legítimo representante de uma geração de cineasta que começou sua carreira profissional como produtor na “boca do lixo paulista” é caracterizado como um autor pós-cinema novo, influenciado pelos conceitos veiculados na Escola Superior de Cinema

São Luiz, uma experiência pioneira em São Paulo no período compreendido entre 1965 e 1968. Reichenbach, desde seu primeiro longa, “Corrida em busca do amor”, construiu uma obra que o põe entre os mais importantes cineastas brasileiros contemporâneos, um dos poucos que atingiu sucesso popular sem se render apenas a um cinema pornográfico ou populista. Seus filmes são, ao mesmo tempo, sarcásticos e demolidores, revelando a exuberância de um discurso marcado, nos seus melhores momentos, por uma estética do mau gosto, libertinagem, piadas vulgares e erotismo de fundo de quintal (VIEIRA, 1987, p. 36).

Entretanto, as questões relacionadas às dimensões históricas e as fontes de coleta de informações devem ser consideradas, ao utilizar o filme, como recurso documental histórico, uma vez que toda produção cinematográfica está relacionada aos condicionamentos sociais, culturais, políticos e econômicos de sua época. Dessa forma, todo filme pode ser utilizado como documento, com elementos dialéticos relacionados à história e a realidade vivenciada, ao retratar determinado período com seus fatos, atitudes e representações, imbuídos de valores ideológicos, em um determinado contexto social.

Um olhar sobre a periferia da grande cidade, sobre as divisões humanas que a ordem econômica classifica como de menor importância e também, ou até principalmente, por uma sutil e perversa análise dos mecanismos de poder numa sociedade brutalmente capitalista e machista, “Anjos do Arrabalde”, por ser a história de três professoras que moram na periferia de São Paulo, merece uma reflexão pela sua sensibilidade.

A escola foi posta como pano de fundo; entretanto, Reichenbach preocupou-se mais em realizar uma obra intimista do que discutir profundamente os problemas de uma instituição

educacional. A história é contada contrapondo o real com o imaginário de cada personagem. A interessante montagem do filme “Anjos do Arrabalde”, dá vida e forma ao sonho de cada mulher, revelando seus tormentos mais íntimos.

No entanto, vale ressaltar que a utilização iconográfica deve conter alguns cuidados especiais. Segundo Nova (1996, p. 218):

A forma como o filme reflete a sociedade não é, em hipótese alguma, direta e jamais apresenta-se de maneira organizada (em circuitos lógicos e coerentes), mesmo que assim o aparente. Por isso, é necessário que o pesquisador, ao tratar o filme como fonte documental, distancie-se da concepção mecanicista pela qual o reflexo social é abordado de forma direta, tão cara ao pensamento vulgar de uma das vertentes da sociologia histórica dita marxista, nos séculos XIX e XX [...].

As críticas realizadas por Guido Billarinho, em artigo denominado *Anjos do Arrabalde: as limitações usuais*, são direcionadas à questão de nucleação da trama em torno da vida pessoal, com rápidas incursões à sala de aula e ao ambiente escolar, sem entretanto, aprofundar as questões veiculadas no filme. Para Amir Labaki (1987) em sua crítica denominada *O medíocre realismo de Carlos Reichenbach*, concorda com a preocupação de Nova, quando o cineasta, enquanto roteirista, utiliza, como personagens, modelos estereotipados e superficiais. Sugere-se que tal iniciativa decorre do fato do filme possuir toques autobiográficos, em razão do roteirista ter duas cunhadas professoras. Ao explorar o universo da classe média de São Paulo de baixa renda, Reichenbach denuncia,

por meio do retrato das três professoras, suas frustrações, seus desesperos e anseios. Os problemas pessoais e profissionais são veiculados numa ótica *naturalista*, em que o cinema intervéem como registro. Os professores são apontados enquanto uma categoria central na vida de uma cidade que rapidamente se transforma numa metrópole produtora da violência urbana e da desagregação social e nem sempre são reconhecidos pelas autoridades públicas como importantes socialmente.

O resgate do nome da escola em que as três protagonistas trabalham, Luís Sérgio Person, é uma homenagem que Reichenbach faz ao importante cineasta paulista morto em 1976 e seu professor na Escola Superior de Cinema São Luiz.

Retomando as discussões sobre cultura, vale apontar que embora a cultura brasileira seja identificada pela interpenetração cultural, a escola, do ponto de vista dos educadores, ao buscar como recurso midiático, o filme, deve romper com as identidades padrões, veiculadas no universo educacional. Escola e tradição são dois conceitos que produziram um amálgama secular perfeito que nos deixam presos a práticas e valores convencionais.

Segundo Gil (2006, p. 219), a formação de professores tinha como pressuposto que a didática lhes servia de fonte de referência para a utilização de recursos auxiliares de ensino, nos manuais de orientação. Atualmente “[...] com o desenvolvimento da tecnologia da imagem e do som, esses manuais foram incorporando lições a respeito do uso de novos equipamentos, como gravadores de som, projetores de slides, retroprojetores e projetores de cinema”.

Com a valorização desses recursos midiáticos, a iconografia – filme – ao ser utilizada em sala de aula, deve apresentar uma vertente crítica, em que os envolvidos no ato educativo

priorizem análises relacionadas com a história e o seu contexto social.

Nesse contexto, a iconografia como fonte documental, seria a maneira mais democrática e pluralista de levar os estudantes, dos mais variados níveis de ensino, a tomarem contato com os problemas sociais e culturais vividos cotidianamente, tendo no filme, o registro da realidade. Vale ressaltar que o filme possui um texto visual que, assim como o texto escrito, merece uma análise interna e, como artefato cultural, possui sua própria história e um contexto social que o cerca.

Assim, a iconografia, na perspectiva da compreensão crítica da cultura social, é compreendida enquanto um elemento desvelador da realidade, uma vez que possibilita o desenvolvimento de outras formas de compreensão, de representações que não são hegemônicas, ao discutir por quais meandros a interlocução da imagem ocorre em justaposição a fatos reais e vividos no cotidiano.

### 3 Considerações finais

Com os avanços tecnológicos e científicos da sociedade contemporânea, modificaram-se os tipos de relações sociais empreendidas pelo homem; em razão disso, se esboça com contornos ainda indefinidos, o cientista social. Nesse contexto de incertezas ele – o cientista social – não pode distanciar-se do processo histórico em curso, sob o risco de se encontrar inteiramente fora da realidade. Nesse sentido, assiste-se ao surgimento de uma discussão sobre a dimensão histórica para as ciências que estudam o homem e as suas relações e sua modernização, por meio da integração com os novos recursos da comunicação e, no nosso caso em particular, com o cinema atrelado à discussões pertencentes ao campo educacional.

Para ultrapassar a forma mecanicista e tradicional de tratar dos problemas educacionais, a iconografia, enquanto recurso pedagógico, ao retratar os fatos reais e vividos cotidianamente pelos agentes sociais, se constitui um marco inovador. Metaforicamente, os artefatos culturais retratados nos filmes podem servir de pano de fundo para abordagens educacionais, culturais e sociais nos espaços em que ocorre o conhecimento, promovendo a discussão numa dimensão crítico-dialética. A articulação dos elementos culturais e sociais nos espaços educativos tem como princípio que a representação do abstrato com a objetivação do concreto, possibilita a construção de novas representações, fomentando a discussão e a transformação da informação desvinculada da realidade em conhecimento.

Nesse sentido, as discussões atuais sobre o conhecimento, tão constantes na contemporaneidade, são defendidas como um dos principais papéis da escola, em todos os seus níveis de ensino.

Assim, a iconografia como fonte de pesquisa em educação, é mais um artefato didático, com a finalidade de promover a discussão, socialização e ressignificação de conceitos, rumo à emancipação cultural e social de todos os sujeitos sociais envolvidos no ato educativo.

### **Cinema as a documental source in educational research: analysis of the film *Suburban Angels* (Carlos Reichenbach)**

In this article, it is considered the importance of cinema as a documental source in educational research, taking as basis of analysis the film entitled *Suburban Angels* by Carlos Reichenbach. It is believed that iconography in classroom may consist in another impor-

tant tool that would make possible to understand questions that compose the dialectic relationship among History, Cinema and social reality. This article defends an articulation between reality and the necessity of inclusion of aspects related to cultural and democratic dimension of those who are involved in the educative act. It is also emphasized the care in treating the film as a documental source in research, and its aim breaks with mechanical conception of the superficial way of analyzing these aspects of cinema.

**Key words:** Cultural dimension. Education. Social inclusion.

## **Nota**

- 1 Este artigo teve como fonte de consulta, leituras obrigatórias da disciplina "O cinema como fonte documental em pesquisas educacionais", oferecidas pelo Programa de Mestrado em Educação, visitas e pesquisas realizadas na Cinemateca de São Paulo e a colaboração do professor Carlos Bauer nas orientações que resultaram na redação final desse estudo.

## **Referências**

- BILHARINHO, G. *O cinema brasileiro nos anos 80*. Uberaba: Triangulino de Cultura, 2002.
- CAMPELLO, B.S.; CENDÓN, B. V. (orgs.). *Fontes de Informação para pesquisadores e profissionais*. Belo Horizonte: Editora da Universidade Federal de Minas Gerais -- UFMG, 2000.
- GIL, A.C. *Didática do ensino superior*. São Paulo: Atlas, 2006.
- LABAKI, A. O medíocre realismo de Carlos Reinchenbach. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 20 fev.1987, p. A-28.
- NOVA, C. C. da. O cinema e o conhecimento da história. *O Olho da História, Salvador*, v. 2, n. 3, p. 217-234, 1996.
- VIEIRA, J.L. Caderno do 4º Festival Brasileiro de Cinema Universitário – Estação Icarai. Rio de Janeiro, de 23/05 a 06/06/1987. Mostra Carlos Reichenbach, p. 34-39.

